

Tu, porém, quando deres dádiva, não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita.

Mateus
6:3

Sombra e luz

(Cura. Ed. GEEM. Cap. “Sombra e luz”)⁶³

Estudando o bem e o mal

Para que sejamos intérpretes genuínos do bem, não basta desculpar o mal.

É imprescindível nos despreocupemos dele, em sentido absoluto, relegando-o à condição de efêmero acessório do triunfo real das Leis que nos regem.

Evitando comentários complexos em nosso culto à simplicidade, recorramos à natureza.

Vejamos, por exemplo, o apelo vivo da fonte.

Quantas vezes terá sido injuriada a água que hoje nos serve à mesa?

Do manancial ao vaso limpo, difícil trajetória acumulou-a de vicissitudes e provações.

O leite duro de pedra e areia...

A baba venenosa dos répteis...

O insulto dos animais de grande porte...

O enxurro dos temporais...

Os detritos que lhe foram arrojados ao seio...

A fonte, entretanto, caminhou despreziosa, sem demorar-se em qualquer consideração aos sarcasmos da senda, até surpreender-nos, diligente e pura, aceitando o filtro que lhe apura as condições, a fim de que nos assegure saciedade e conforto.

Segundo observamos, na lição aparentemente infantil, o ribeiro não somente olvidou as ofensas que lhe foram precipitadas à face.

Movimentou-se, avançou, humilhou-se para auxiliar e perdoou infinitamente, sem imobilizar-se um minuto, porque a imobilidade para ele constituiria adesão ao charco, no qual, ao invés de servir, converter-se-ia tão só em veículo de corrupção.

É por isso que o ensinamento cristão da caridade envolve o completo esquecimento de todo mal.

“Que a vossa mão esquerda ignore o bem praticado pela direita.”

Semelhantes palavras do Senhor induzem-nos a jornadaear na Terra, exaltando o bem, por todos os meios ao nosso alcance, com integral despreocupação de tudo o que represente vaidade nossa ou incompreensão dos outros, de vez que em qualquer boa dádiva somente a Deus se atribui a procedência.

Procurando a nossa posição de servidores fiéis da regeneração do mundo, a começar de nós mesmos, pela renovação dos nossos hábitos e impulsos, olvidemos

a sombra e busquemos a luz, cada dia, conscientes de que qualquer pausa mais longa na apreciação dos quadros menos dignos que ainda nos cercam será nossa provável indução ao estacionamento indeterminado no cárcere do desequilíbrio e do sofrimento.

(Mediunidade e sintonia. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 12)

Benefício oculto

“Não saiba vossa mão esquerda o que oferece a direita” é a lição de Jesus que constantemente nos sugere a sementeira do bem oculto.

Entretanto, é preciso lembrar que, se “nem só de pão vive o homem”, não se alimenta a virtude tão somente de recursos materiais.

Acima do benefício que se esconde para ser mais seguro no campo físico, de modo a que se não firam corpos doentes e bocas famintas pelos acúleos da ostentação,

prevalece o amparo mudo às necessidades do sentimento na esfera do Espírito, a fim de que os tóxicos da maldade e os desastres do escândalo não arrasem experiências preciosas com o fogo da imprevidência.

Se percebeste no companheiro as escamas do orgulho ou da rebeldia, envolve-o no clima da humildade, socorrendo-lhe a sede imanifesta de auxílio, e se presenciaste a queda de alguém, no caminho em que jornadaeis, alonga-lhe os braços de irmão, para que se levante, sem exagerar-lhe os desajustes com a referência insensata.

Se um amigo aparece errado aos teus olhos, cala o verbo contundente da crítica, ajudando-o com a bênção da prece, e se o próximo surge desorientado e infeliz em teus passos, oferta-lhe o favor do silêncio, para que se reequilibre e restaure.

Não vale encarecer cicatrizes e imperfeições a pretexto de apagá-las no corpo das horas, porquanto leve chaga tratada com desamor é sempre ferida a cronicificar-se no tempo.

Distribui, desse modo, a beneficência do agasalho e do pão, evitando humilhar quem te recolhe os gestos de providência e carinho; contudo, não olvides estender a caridade do pensamento e da língua, para que o bálsamo do perdão anule o veneno do ódio e para que a força do esquecimento extinga as sombras de todo mal.

(O espírito da verdade. Ed. FEB. Cap. 79)

No culto da caridade

Aprendamos a auxiliar para que a nossa dádiva não se transforme em espinho, envenenando as chagas alheias.

A caridade não surge apenas na doação de ordem material.

É serviço de cada instante e apoio de cada dia.

Não comentes o mal para que o mal não se estenda, não te refiras à sombra para que a sombra te não envolva o caminho.

Ao pé dos semelhantes cala o impulso

da maldição que começa na leviandade e na crítica.

Se junto aos doentes, não te reportes à enfermidade, se respirando entre ignorantes não reproves aqueles que ainda se movimentam nas trevas.

Não insistas, destacando a perversidade e o infortúnio, embora a vida nos determine o dever de extinguir a penúria e sanar a dor.

Lembra-te de que é preciso esquecer a própria superioridade, para que a lição não se converta em orgulho e que é necessário ofuscar o nosso propósito de evidência para que o ensejo da luz favoreça os necessitados de confiança.

Não vale socorrer desesperando ou ferindo...

Quase sempre a carência do próximo prescindirá do teu ouro, desde que saibas soerguê-la ao teu próprio nível, a fim de que se dignifique para o trabalho e se restaure para o sol da esperança.

Ocultar a mão esquerda para que a

mão direita não te conheça a beneficência não é simplesmente atitude de respeito e fraternidade na assistência comum, mas também apelo do Cristo à nossa humildade para que nos amparemos reciprocamente, sabendo que a fraqueza dos caídos de hoje pode ser a nossa fraqueza nos embates da alma que a vida nos oferecerá de futuro, e que apenas praticaremos o amor, em nos compreendendo e ajudando uns aos outros por verdadeiros irmãos.

(Irmão. Ed. IDEAL. Cap. 13)

Em louvor do silêncio⁶⁴

“Não saiba a tua mão esquerda o que deu a direita.”

Não se inteirem os teus adversários gratuitos daquilo que fazes, sob a inspiração da fraternidade e da justiça.

Não se informe o mal, acerca do bem que praticas.

Não invoques a leviandade ao círculo de

teu dever que deve ser bem cumprido.

Não busques poeira para a água cristalina.

Não te associes à perturbação para a sementeira de harmonia.

Jesus não se reportava somente à humildade, no ensinamento a que nos referimos. Destacava também a prudência e a ponderação, assinalando a riqueza do silêncio, que nos compete usar, nas menores lutas da vida, em favor do êxito de nossas tarefas.

Lembra-te de que os problemas se estendem ao infinito...

Cada ser, cada criatura, cada consciência possui necessidades diferentes entre si.

A caridade para com o instrutor não é

a mesma que devemos prestar ao aprendiz e a assistência ao homem enfermo não é igual a que nos cabe dispensar ao homem robusto. A essência do bem é una em suas raízes fundamentais, mas os seus métodos de manifestação variam infinitamente.

Guardemos, pois, o ensinamento da mão direita que deve trabalhar sem a intromissão da esquerda e adotemos o silêncio por soberana medida de equilíbrio, na sementeira de felicidade, em nosso próprio benefício.

(*Reformador*, fev. 1953, p. 26)

⁶³ Vide nota 9, p. 27.

⁶⁴ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Intervalos*. Ed. O Clarim. Cap. "Em louvor do silêncio".